

Índice

Um rapaz é um rapaz e está bem que assim seja.....	1
Clássicos para raparigas e rapazes.....	4

Um rapaz é um rapaz e está bem que assim seja

Anthony Esolen, de quem está disponível em castelhano o [“Guia politicamente incorrecta de la civilización occidental”](#) (“Aceprensa”, 30.1.2010), acabou de publicar há poucos meses “Defending Boyhood”, um ensaio sobre como os rapazes necessitam de ser educados enquanto tais e, sobretudo, as razões porque uma educação que tenha em conta a diferença é fundamental para eles, os homens que serão no futuro, as próprias mulheres e, em última análise, a família e toda a sociedade.

O autor é professor no Thomas More College of Liberal Arts, em Merrimack (New Hampshire). Traduziu Dante Alighieri e outros autores, e escreveu cerca de uma dezena de livros de divulgação sobre temas culturais, além de textos próprios da sua disciplina. É considerado como uma das vozes católicas atuais com maior fundamentação teórica, valor e originalidade.

“[Defending Boyhood](#)” é um revelador lembrete de que os rapazes – tal como são, com essas características próprias que o sexo masculino tem – são diferentes das raparigas e exigem uma educação que não esqueça essas peculiaridades, nem as encare sob suspeita, que é o que faz a ideologia de género. Esse receio perante os rapazes veio juntar-se, além disso, a outros excessos de algumas teorias pedagógicas que veem na educação um modo de engenharia social para redirecionar a realidade e “adaptá-la” ao quadro ideológico que atualmente impera.

Esolen considera que os atributos próprios dos rapazes são precisamente a alavanca para os ajudar a serem “homens de aproveitar”, como antes se dizia: é sobre a natureza, sobre a masculinidade e a feminidade, como se edifica, não contra ela.

Modas que não ajudam

O texto de Esolen pode ser encarado como outro grande contributo no âmbito da educação que surge na sequência do seu recomendável [“Ten Ways to Destroy the Imagination of Your Child”](#).

Nesse texto já apontava falhas de certa educação contemporânea, tais como: educar de costas para a realidade (a realidade física, do mundo, mas também do que somos); a educação institucionalizada e sempre na sala de aula (em detrimento da feita em casa e da feita ao ar livre, onde se vai cair, exercitar-se e ter, por vezes, algum medo); [a superproteção](#) e a vigilância contínua que deixam as crianças numa bolha; a igualdade imposta, que esquece a desigualdade da excelência ou o heroísmo, tratando todos pelo mesmo padrão e sempre para baixo; a educação sexual baseada no narcisismo e no sexo sem amor; a substituição dos contos tradicionais por histórias pré-fabricadas cheias de lugares-comuns politicamente corretos; eliminar a diferença entre homens e mulheres; os ruídos contínuos, as distrações e o entretenimento sem fim; e, por último, e não menos importante, escamotear às crianças a transcendência.

Algumas destas falhas são analisadas com mais pormenor no seu novo livro, pois segundo Esolen – e esta é a tese de “Defending Boyhood” –, certos modos e modas de educação são especialmente prejudiciais para os rapazes.

Senso comum e experiência

Como na sua anterior obra, Esolen aborda a educação com um enorme senso comum. As suas orientações inserem-se na linha do que alguns pais saberiam, mesmo sem serem especialistas de pedagogia, olhando apenas para os seus filhos, eles e elas, sem óculos ideológicos, sem preconceitos sobre o que deveria ou não fazer um ou outro sexo. O contributo do livro consiste, sobretudo, em observar e partir da realidade da qual a natureza faz parte, sem dar lições nem receitas, mostrando somente o que poderíamos designar por “básico” ou princípios que há uns cem anos um camponês conhecia perfeitamente.

Esolen parte da constatação do que gerações de todas as culturas e religiões sabiam e praticavam: todas as civilizações entenderam que “fazer-se um homem” não é possível se não se atravessarem ritos próprios (uns mais institucionalizados e outros mais informais); mas, sobretudo, todas entenderam que somos dois sexos, homens e mulheres, e que somos diferentes.

Cristo, homem, como modelo

A argumentação do autor passa de um modo algo ligeiro pelos argumentos da antropologia cristã em relação à diferença dos sexos, e vai mais diretamente ao Evangelho e à fé, que vê Jesus Cristo como Deus e homem, modelo de humanidade e de masculinidade em concreto, que deve inspirar os jovens.

Todas estas referências a Jesus Cristo (que abrem vários capítulos) são verdadeiramente comoventes e, embora pudessem ser alheias ao leitor não crente, são fundamentais para o conjunto do texto: como tratava Cristo as mulheres? Como tratava a sua mãe? E as crianças? Etc.

Longe de ser um modelo longínquo e suspenso no tempo, frio, teórico, Esolen mostra como Jesus Cristo é o modelo atual para todos, evidentemente, e para os homens na sua masculinidade.

Neste sentido, Esolen é uma versão mais calorosa e profunda do que [Jordan Peterson](#), com todos os aspetos positivos que o professor canadiano tem. Esolen disponibiliza esse abrigo, terra e céu, que faz com que aquilo que em Peterson poderia

ser fria autoexigência – por assim dizê-lo, como nos romanos ou gregos –, seja algo muito mais belo, apaixonante e emocionante: mais, em última análise, cristão.

A tarefa da hiperproteção

O subtítulo do livro de Esolen (“Como construir fortes, ler histórias, jogar à bola ou rezar a Deus pode mudar o mundo”) explica esses elementos básicos que durante séculos formaram a educação (formal ou não formal) das crianças, especialmente dos rapazes: crescer ao ar livre, exercício físico, jogos de equipa e também de hierarquia e competitividade (inatas em grau diferente nos rapazes), sem essa proteção constante que se instalou a partir dos anos 90 e, também, sem esse novo modelo do que um rapaz deveria ser, parecido com uma rapariga, mais do que com um rapaz.

Um rapaz sobe às árvores, raspa os joelhos, cai e levanta-se; é habitualmente inquieto e interessa-lhe a ação e, a partir da ação e da observação, igualmente a reflexão. Um rapaz não deveria estar sob a vigilância contínua de sua mãe, a não ser que se queira fazer dele um covarde. Eles também, mais do que as raparigas e pelo facto de serem rapazes, necessitam de construir coisas, exercitar a força e a destreza, etc. Também necessitam, de um modo diferente das raparigas, de tarefas para fazer, responsabilidades, e isto em idades que são muito precoces, pois assim fortalecem a sua autoestima e desenvolvem o espírito de serviço que é básico nos dois sexos.

Este último aspeto, a preparação para vencer os anseios ou os desejos que lhes são próprios por um bem maior próprio e muitas vezes comum, é um dos aspetos mais importantes dessa educação que parte da natureza humana, do serem homens ou mulheres, e em que ambos devem ser educados a partir da diferença.

A educação nas virtudes e no dar-se aos outros, a santidade – impressionante a secção do rapaz como santo – também é objeto da atenção de Esolen, como é muito reveladora a sua reflexão sobre a coragem.

Ou bons livros ou não ler

Além disso, “Defending Boyhood” é um contínuo exercício de referências de literatura “para rapazes”. Trata-se de literatura universal, mas os rapazes veem nela modelos de comportamento que entendem melhor e nos quais podem ver-se refletidos, algo que hoje está em vias de se perder nalguns casos devido ao dominante politicamente correto. Livros

como “A Ilha do Tesouro”, “As Aventuras de Tom Sawyer”, “Lobos do Mar”, “The Four Feathers”, “Kim” e muitos outros ensinam os rapazes a serem precisamente isso, rapazes, sem se envergonharem de tal realidade.

Esolen escolhe a literatura anglo-saxónica, mas muitas das obras citadas fizeram parte da educação sentimental – no sentido pleno da palavra – de várias gerações de diversas línguas, pelo menos antes da chegada dos ecrãs e da profusão de títulos perfeitamente prescindíveis que hoje fazem parte das leituras de crianças e jovens.

E a verdade é que Esolen observa com razão, que substituir essas grandes obras por literatura politicamente correta a procurar “redirecionar a masculinidade” ou a escondê-la, é muito pior do que a ausência de leituras.

Esolen reivindica também os clássicos gregos e William Shakespeare. De quase todas as referências literárias que menciona, existem noutras línguas traduções tanto sem adaptar como adaptadas para crianças e jovens, além de versões cinematográficas excelentes.

A ordem do que é

“Defending Boyhood” é, em última análise, outra chamada à realidade, algo em que diversos autores católicos, outros cristãos e também não crentes (o mesmo Jordan Peterson) têm vindo a insistir nos últimos anos perante o discurso dominante de “o que eu sinto é o que existe ou é”, uma espécie de “não me dê razões ou argumentos – ou biologia, por exemplo – porque isto é o que eu sinto”. Em resumo, o sentimento como argumento de verdade.

De facto, o livro de Esolen inicia-se com a recordação da sua infância e essa realidade que, com as suas falhas e imperfeições, se baseava em reconhecer precisamente a dualidade dos sexos, homens e mulheres. Esse ponto é tão elementar e básico, que se entende porque qualquer batalha cultural das que hoje vale a pena encetar teria de partir dessa realidade.

As raparigas não têm mais facilidade

Faça-se apenas um reparo: por muito que Esolen refira que os rapazes são os mais prejudicados pela ideologia de género, penso que as raparigas estão também presenteadas quando aquilo que se lhes oferece é, entre outras coisas, um narcisismo insuportável. Ou uma atitude defensiva perante os rapazes seja em que assunto for: é muito mau para as novas

gerações, como já salientou María Elvira Roca Barea, se homens e mulheres não gostam uns dos outros. Ou uma pressão – em todos os campos: profissional, estético, pessoal – insólita há somente quarenta anos.

A mensagem que grande parte da ideologia de género difunde, pressupõe também pressionar as raparigas. A rapariga terá de ser engenheira, mesmo que não lhe apeteça, para que as mulheres alcancem os 50 %. Além disso, pertence ao reino das mulheres onde todas querem o mesmo e não há lugar a vozes dissidentes. É como aquela cena de “O Diabo Veste Prada”, quando a editora de moda fica surpreendida e diz à estagiária que renuncia ao seu posto de trabalho: “Todo a gente quer ser como nós”. Existe um feminismo para o qual não há a possibilidade de uma mulher poder não querer ser, a título de exemplo, chefe, deputada, ou sentar-se num conselho de administração, e prefira outra coisa na sua vida, porque dá importância a outras áreas. Impõe-se a louca teoria de que, pelo facto de ser mulher, uma caixaira tem mais a ver com Ana Patricia Botín (Presidente Executiva do Grupo Santander) ou com uma camponesa da Nigéria, que com o seu marido ou o seu irmão que luta para chegar ao fim do mês.

Feminização em caricatura

Assim, assistimos hoje ao reino do sentimentalismo e não ao da compaixão verdadeira. Proliferam *safe spaces* onde o “sinto-me mal” limita a liberdade de expressão e a argumentação serena. Temos uma legião de mães hiperprotetoras como a civilização humana não conheceu antes, que vão falar com o professor universitário porque o seu filho foi suspenso, em vez de deixar que o adulto assuma a sua responsabilidade e lide com os seus problemas. Pais e mães em reuniões escolares (não em tutorias) contam o caso de filhos como se fossem as únicas crianças à face da Terra, em vez de se considerarem pais como outros, com filhos numa determinada sala de aula que abarca 40 alunos – onde os temas para falar são os comuns, não os particulares. Crianças na sua Comunhão ou Crisma têm um menu especial para elas, diferente, porque “comem mal” ou “aquilo de que gostam”, em vez daquela exigência materna tradicional de comer de tudo e sempre.

O campo dos “meninos da mamã” e de mães, além do mais, históricas (contagiando por vezes os pais) é tão extenso, que esses lugares de aventura e descanso feliz – mútuo – para pais e crianças que costumavam ser os acampamentos, são hoje um autêntico terreno de prova, e não para as crianças (que antigamente iam para lá *desmamar-se* e ter uma enorme diversão, não saber dos seus pais durante uma semana e aprender também a serem independentes), mas para os monitores e organizadores, que se veem em apuros para atender os mil requerimentos e atendimento personalizado que os pais reclamam para rapazes e raparigas não já de sete

anos na sua primeira saída de casa, mas para os de doze anos em diante.

Sim, é verdade, como Esolen assinala: existe um ataque autêntico à masculinidade. Mas, mesmo que não pareça, o suposto “boom da feminidade” – como modelo ou sexo “em voga” – não é assim, é mais a sua paródia ou caricatura.

A. P.

Clássicos para raparigas e rapazes

“[Defending Boyhood](#)”, de Anthony Esolen, sublinha a importância de uma literatura e de um cinema onde masculinidade e feminidade se mostrem a crianças e jovens.

Isto é, muitas vezes, regressar aos clássicos, hoje os grandes esquecidos devido ao enorme ruído das novidades. Com algumas exceções, é nos clássicos que a feminidade e a masculinidade se mostram melhor, mas além disto, voltar aos clássicos é fundamental do ponto de vista estético. Como acontece com muitos já adultos (os que têm hoje 20, 30 e até 40 anos), existem oceanos de ignorância literária e cinematográfica, o que acaba por produzir uma deficiente formação estética.

Em todo o caso, os títulos que Esolen propõe, de literatura onde os rapazes são rapazes e não têm de se envergonhar disso, são obras igualmente para raparigas. Um clássico é isso, algo que nos diz alguma coisa a *todos*, independentemente do nosso sexo, idade, situação, etc.

E há também muitos outros títulos de literatura e cinema clássicos que poderíamos sugerir para raparigas, onde a feminidade está presente em especial. No geral, qualquer clássico que foi confirmado pelo tempo é um interessante exemplo, em maior ou menor grau, tanto para uns como para outras.

Os contos tradicionais – incluindo os que hoje são considerados politicamente incorretos – incluem ensinamentos que ultrapassam em muito a mera identificação de raparigas = princesas ou débeis e de rapazes = príncipes e fortes. Basta ler Charles Perrault, os irmãos Grimm (Jacob Grimm e Wilhelm Grimm) ou [Hans Christian Andersen](#) para entender como todos eles apresentam de um modo acessível para o paladar infantil o horror e também a beleza que fazem parte do mundo.

Continuar com os clássicos juvenis de toda a vida, por exemplo, [Júlio Verne](#) ou [Robert Louis Stevenson](#) – com tantas versões cinematográficas notáveis, assim como algumas mais acessíveis para crianças mais pequenas – é outra tarefa pendente.

“[O Fantasma de Canterville](#)”, de Oscar Wilde, é um conto estupendo de que vão desfrutar jovens de ambos os sexos, mas possivelmente mais elas, e onde uma rapariga é capaz de vencer um feitiço. A versão cinematográfica de 1944 é excelente, mesmo que se tenham feito outras mais recentes.

Outro tanto acontece com “Por Favor Não Matem a Cotovia”, de Harper Lee, uma história de iniciação à vida adulta. Também “Drácula” de Bram Stoker (mil vezes melhor do que “[Crepúsculo](#)” e toda a saga de Stephenie Meyer), “The Member of the Wedding”, de Carson McCullers ou “Uma Agulha no Palheiro”, de J. D. Salinger, leituras que um adolescente deveria abordar.

“[Jane Eyre](#)” de Charlotte Brontë é um clássico muito bom para raparigas que conta muito mais do que parece – um modelo de feminidade de uma mulher forte e determinada – e tem versões cinematográficas muito conseguidas. Outro tanto acontece com a aclamada [Jane Austen](#) e os seus romances, que hoje surpreendem tanto pela sua “modernidade” e que constitui um prodígio de personagens femininos da época. Charles Dickens – um mestre nos contos masculinos e femininos – e o seu “Um Conto de Duas Cidades”, outros títulos como “A Pequena Dorrit”, é igualmente recomendável, e também quase todo o Dickens tem sido levado ao cinema com excelentes resultados.

“[As Crônicas de Nárnia](#)” de C. S. Lewis (Clive Staples Lewis) - toda a série: livros e versões cinematográficas - são um formidável exemplo de masculinidade e feminidade: o valor não é apenas uma questão de homens (ou rapazes) – aí está a personagem Lucy Pevensie para o demonstrar –, nem as batalhas se ganham caso não sejam enfrentadas e se estiver disposto a enfrentar a morte, tanto eles como elas. O mesmo pode dizer-se de J. R. R. Tolkien (John Ronald Reuel Tolkien) e “[O Senhor dos Anéis](#)”, onde também masculinidade e feminidade se apresentam sem problemas e cada um tem de fazer sacrifícios diferentes, inclusivamente os mais pequenos.

“Swallows And Amazons” de Arthur Ransome, é um excelente retrato desses verões com aventura onde rapazes e raparigas se mostram como são.

A. P.

“Defending Boyhood”

Autor: Anthony Esolen

TAN Books (2019)

212 págs.

